

**DOS NOMES DE LUGARES À DISCUSSÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR:
APONTAMENTOS PRELIMINARES A RESPEITO DO USO DO *SOFTWARE*²⁷
TOPONÍMICO²⁸**

**FROM THE NAMES OF PLACES TO THE DISCUSSION OF THE
EDUCATIONAL CURRICULUM: PRELIMINARY NOTES REGARDING THE
USE OF THE TOPONYMICAL SOFTWARE**

Karylleila dos Santos ANDRADE

(CAPES/UFT/PPGL)

karylleila@gmail.com

[om](#)

José Manoel Miranda de OLIVEIRA

(CAPES/UFT)

jmiranda@uft.edu.br

RESUMO

O objetivo deste texto é proporcionar uma reflexão sobre como informações de cunho sócio-históricas, geográficas, antropológicas, ideológicas e etimológicas (origem) a respeito de elementos urbanos e físicos do estado do Tocantins, as quais deverão ser disponibilizadas em um *software*, podem fomentar e ampliar, do ponto de vista do currículo, o leque de conhecimentos escolares de determinados conteúdos de Geografia e de História do ensino fundamental. Utilizamos como percurso teórico-metodológico os autores: Andrade (2013), Holzer (2003, 1999), Moreira e Candau (2007), Saviani (1995) e os seguintes documentos oficiais: Brasil (2013, 2002).

PALAVRAS-CHAVE: Nomes de lugares. Currículo escolar. *Software*. Ensino.

ABSTRACT

The main objective of this study is to provide a reflection about the socio-historical, geographical, anthropological, ideological and etymological information regarding the physical and urban elements from the state of Tocantins, which should be available in a software and can promote and stimulate, from the curriculum point of view, the range of educational knowledge of some Geography and History contents from the elementary school. Some authors have been used as a route in this methodological and theoretical study: Andrade (2013), Holzer (2003, 1999), Moreira and Candau (2007), Saviani (1995) and the following official documents: Brasil (2013, 202).

KEY WORDS: Names of places. Scholar Curriculum. Software. Teaching.

O lugar como experiência humana

²⁷ Este projeto tem recursos do CNPq e da FAPT Fundação de Amparo à Pesquisa no estado do Tocantins. A criação do software é uma parceria entre professores e alunos do curso de Ciência da Computação, bolsistas de iniciação científica em Letras do CNPq, bem como, mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado e Doutorado em Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

²⁸ Este texto compreende uma fala durante uma mesa-redonda, apresentada na 66ª Reunião da SBPC, intitulada “Lições de texto no ensino médio e superior: a tecnologia a serviço da ciência”. Parte destas reflexões encontra-se em um capítulo de livro, ainda no prelo, “Visibilizar a Linguística Aplicada: pela independência plena”, organizado por GONÇALVES, A. V.; SILVA, W. R.; GÓIS, M. L. de S.

Aprofundar estudos acerca da toponímia é envolver-se na complexa teia das diversas áreas do conhecimento quando investigamos os nomes de lugares. Um nome de lugar não é simplesmente um nome qualquer. Todo nome resguarda um motivo, uma história, alguns traços culturais, históricos e linguísticos, ou seja, uma motivação toponímica. Nossa proposta, neste texto, é oportunizar uma reflexão acerca dos nomes de lugares (elementos urbanos e físicos) do estado do Tocantins como forma de estender os conhecimentos escolares, no sentido de fomentar no aluno uma compreensão mais apurada da realidade em que se encontra. A ideia consiste em promover uma ampliação de seu universo cultural ao cruzar e tecer saberes interdisciplinares.

Para Moreira e Candau (2007, p. 21-22), uma educação de qualidade requer a seleção de conhecimentos relevantes, que incentivem mudanças individuais e sociais, assim como formas de organização e de distribuição dos conhecimentos escolares que possibilitem sua apreensão e sua crítica. Tais processos necessariamente implicam o diálogo com os saberes disciplinares e com outros saberes socialmente produzidos. Os autores estão a discutir a respeito da concepção de conhecimento escolar como uma construção específica da esfera educativa, e não como uma mera simplificação de conhecimentos produzidos fora da escola.

Partindo dessa concepção de conhecimento escolar, percebemos a necessidade de ampliar a noção do que seja *lugar* para os estudos toponímicos ao propor um *software* com um leque de informações em diversas áreas: História, Geografia, Linguística, entre outras. *Lugar* aqui passa a ser estendido, deixa de fazer referência tão somente à localização. Esclarecemos que não estamos a desqualificar o conceito, nem tão pouco a categoria *lugar* nos estudos toponímicos. A proposta é alargar a noção para além de um sentido locacional de um sítio. Para isso, a pesquisa realizada está apoiada em Tuan (1979, 409, *apud* HOLZER, 2003, p. 8), que se dedicou ao estudo do *lugar* em uma perspectiva humanista. Tuan observa que o lugar, na linguagem coloquial, tem dois significados: posição na sociedade e localização espacial. Mas, além desses, tem outro mais profundo: ele possui "espírito", "personalidade", existe um "sentido do lugar" (TUAN, 1979, p.409, *apud* HOLZER, 2003, p. 8). Este sentido de lugar remete-se à apreciação visual ou estética, e também pela audição, olfato, paladar e tato, sentidos que exigem um contato próximo e uma longa associação com o ambiente.

Segundo Suertegaray (2001), o conceito de *lugar* constitui a dimensão da existência que se manifesta por meio "de um cotidiano compartilhado entre as mais

diversas pessoas, firmas, instituições—cooperação e conflito que são a base da vida em comum" (SANTOS, 1997, apud SUERTEGARAY, 2001).

Portanto, lugar aparece aqui como experiência humana no conceito de Tuan. O lugar é parte da realidade, da cosmovisão de cada indivíduo e de cada grupo. Segundo Tuan,

o lugar tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas." (TUAN, 1979, p. 387 *apud* HOLZER, 1999, p. 70).

Conforme Tuan, o lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. Neste trabalho, lugar tem como acepção, além do sentido locacional, uma experiência humana de relações intersubjetivas que o sujeito tem com o lugar: é conhecer para além do nome.

Dos nomes de lugares à construção do currículo escolar: breves considerações

A educação é vista como objeto estrutural em todas as dimensões culturais, filosóficas, técnicas e tecnológicas. Inicialmente, a educação visa à superação das exigências caracterizadas pelo consumo do saber no âmbito das sociedades modernas e contemporâneas. Atualmente, a educação representa uma infinidade de definições de natureza legal, teórica, abstrata e pragmática. Nessa direção, as resultantes da educação são vistas como objetos de capitalização das relações estabelecidas pelo circuito econômico.

De forma indireta, a educação, para ser bem sucedida, pode até ser crítica, mas, antes ou concomitante, precisa estar sintonizada com os interesses dos setores de produção e de circulação de bens. Caso contrário, a qualificação não resulta em um produto de consumo diante das necessidades urbanas atuais. Dessa forma, cabe à sociedade fixar o interesse sobre os fazeres educacionais e as resultantes da educação. Com isso, os sistemas educacionais, em todos os níveis, precisam estar sintonizados ao desenvolvimento técnico e científico para não ficar à margem dos interesses individuais e coletivos. Logo, esse processo, além de modificar os objetivos da educação, reproduz a necessidade de acoplamento de outros saberes partindo de novos significados e de novas ferramentas.

É neste contexto que é possível visualizar a aproximação entre os conhecimentos teóricos e técnicos voltados para a ampliação dos conhecimentos em nível da educação

básica. Neste estudo, propomos que uma dessas possibilidades possa vincular-se ao estudo dos nomes de lugares de uma região para além do nome como localidade: conhecer mais do nome, da história, da identidade das comunidades estabelecidas ou que se estabeleceram em um determinado espaço, de forma a possibilitar a identificação das origens dos espaços, e como esses espaços foram ou estão relacionados ao cotidiano das comunidades ou sociedades. Como tratamos de estender a aceção de *lugar*, também faz parte desta proposta a discussão, mesmo de forma superficial, sobre os conceitos de *espaço* e *território*, por considerar que ambos tenham uma sintonia estreita com o *lugar*.

Compreendemos a noção de *espaço*, segundo Milton Santos (apud MAIA; ALVES, 2009, p. 07), o qual parte da concepção de que o *espaço* constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe a sua própria realidade; por isso, a sociedade não pode operar fora dele. Nesses termos, por exemplo, a comunidade escolar poderá compreender como e por que foram desterritorializadas²⁹. Essa possibilidade surgirá a partir dos estudos e das discussões sobre os significados, a história e a motivação dos nomes e da própria consciência sobre as condições históricas em que um determinado *espaço* foi transformado em *território*³⁰.

Essa perspectiva de colocar a linguagem estabelecida pelos lugares também poderá despertar como as pessoas que pertenciam a um determinado *lugar* foram desterritorializadas, no momento em que os objetos simbólicos foram alterados para surgir outro espaço, outro momento histórico, ou outro nome. Daí a importância dessas discussões estarem relacionadas aos conteúdos de determinadas disciplinas da educação básica, principalmente, a de Geografia e a de História. Neste momento, as pessoas poderão lembrar de sua história e da história de seus antepassados que, direta ou indiretamente, foram os responsáveis pelas formas de ocupação de determinados espaços. Podem conhecer informações geomorfológicas ao considerar a etimologia da palavra, como exemplo Itacajá³¹, município do estado do Tocantins. Ou ainda,

²⁹ Para uns, por exemplo, desterritorialização está ligada à fragilidade crescente das fronteiras, especialmente das fronteiras estatais – o território, aí, é sobretudo um território político. Para outros, desterritorialização está ligada à hibridização cultural que impede o reconhecimento de identidades claramente definidas [...] (HAESBAERT, 2004, p. 35).

³⁰ [...] o território aqui é, antes de tudo, um território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades [...] (HAESBAERT, 2004, p. 35).

³¹ Segundo Sampaio (1987), é uma palavra de origem tupi: **Y-tá**, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. / **Acã-yá**, o fruto de caroco cheio, graúdo; fruto que é todo caroco.

compreender a dinâmica dos espaços urbanos e seus significados para a vida cotidiana com a observação, por exemplo, de paisagens do bairro da escola, e outras.

Outra condição importante da associação dessas denominações aos conteúdos é quando nos reportamos ao momento em que as pessoas tomam consciência da perda das relações que eram estabelecidas com um determinado espaço ou território. A partir daí, pode ocorrer o surgimento de outros significados e significantes para os espaços desterritorializados. Tal processo acontece simultaneamente à mudança do nome ou, de forma diacrônica, interligada ao processo de ocupação, de acordo com o sistema de controle estabelecido em um determinado espaço para garantir os interesses gerados por uma nova ocupação.

Para Sant'Anna Jr.; Carstens; Fleith (2008), nem sempre pode-se pensar que as alterações simbólicas e físicas de um território sejam reflexos da comunidade que o construiu, ou vice-versa. Nesse sentido, a diacronia dos nomes dos espaços nem sempre é o reflexo da população autóctone, mas o reflexo dos interesses políticos e econômicos do capital privado.

Nesse contexto, na medida em que os estudantes e a comunidade escolar tomarem conhecimento dos significados dos nomes de lugares, aqui compreendido como topônimos - já com a concepção de lugar estendida semanticamente -, as possibilidades de reaproximação dos sujeitos excluídos reaparecem de forma espontânea a partir da vinculação desses conteúdos ao currículo escolar, após a introdução de meios técnicos pragmáticos direcionados à identificação de nomes, símbolos de lugares, espaços e territórios.

Em relação à educação, a função da escola é ampliar as condições de acesso ao conhecimento em todas as direções. Uma dessas possibilidades pode ser conduzida pelo uso de algumas ferramentas, como por exemplo, o *software* de caráter pedagógico que estamos propondo neste trabalho. Entretanto podemos apontar um questionamento: que concepções de sociedade, de escola, de educação, de conhecimento, de cultura e de currículo orientarão a escolha de tais práticas educativas inovadoras? Sabemos que esse conjunto de questões tem sido objeto de debate nas escolas e no cenário educacional nas últimas décadas. A função da escola, da docência e da pedagogia vem se ampliando, à medida que a sociedade e, sobretudo, os educandos mudam e o direito à educação se estende, incluindo o direito ao conhecimento, às ciências, aos avanços tecnológicos e às novas tecnologias de informação. Mas também o direito à cultura, às artes, à diversidade

de linguagens e às formas de comunicação, aos sistemas simbólicos e ao sistema de valores que regem o convívio social, enfim, à formação como sujeitos éticos.

Antes de nos ater à concepção de currículo, é necessário refletir a respeito de práticas educativas inovadoras. Com base em Saviani (1995, p. 26), e partindo do ensino tradicional, a inovação, neste estudo, centra sua essência conceitual na proposição de manutenção da instituição escolar e nas finalidades do ensino. A ideia é conduzir um processo de provocações para que os métodos possam ser substancialmente alterados, transformados, reinventados ou redimensionados. Por fim, conservados os objetivos do ensino, e para que estes sejam atingidos, é necessária a utilização de “formas para-institucionais e/ou não-institucionalizadas” (SAVIANI, 1995, p. 26). A implantação do *software*, conforme nossos estudos e apontamentos, pode ser considerada uma forma para-institucionais e/ou não-institucionalizadas, ou seja, produto resultado de um processo. Ao utilizar o recurso do sistema na educação, esperamos que a escola possa desenvolver nos sujeitos a possibilidade de ampliar a compreensão do seu espaço e do lugar em que vive.

Para uma discussão a respeito de currículo, Moreira e Candau (2007, p. 17) dizem que é preciso considerar, antes de mais nada, os diferentes posicionamentos e pontos teóricos quando o assunto é currículo: a) conteúdos a serem ensinados e aprendidos; (b) experiências de aprendizagem escolar a serem vividas pelos alunos; (c) planos pedagógicos elaborados por todos os envolvidos no processo: professores, escolas e sistemas educacionais; (d) objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino; (e) processos de avaliação que influem nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização. Portanto, discussões concernentes ao conhecimento, à verdade, ao poder e à identidade marcam, invariavelmente, questões curriculares de toda natureza. Currículo, então, para os autores, significa “experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos(as) estudantes. (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 18). Ou seja: associa-se ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções educativas.

Retomando a proposta inicial deste texto, tendo em vista o caráter interdisciplinar e dinâmico dos estudos toponímicos, partimos para a seguinte reflexão: como informações de cunho sócio-históricas, geográficas, antropológicas, ideológicas e etimológicas (origem) a respeito de elementos urbanos e físicos do estado do Tocantins, disponibilizadas em um *software*, podem fomentar e ampliar, do ponto de vista do

currículo, o leque de conhecimentos escolares de determinados conteúdos de Geografia e de História do ensino fundamental?

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica,

a escola, face às exigências da Educação Básica, precisa ser reinventada: priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, participativos, cooperativos, preparados para diversificadas inserções sociais, políticas, culturais, laborais e, ao mesmo tempo, capazes de intervir e problematizar as formas de produção e de vida. A escola tem, diante de si, o desafio de sua própria recriação, pois tudo que a ela se refere constitui-se como invenção: os rituais escolares são invenções de um determinado contexto sociocultural em movimento. (BRASIL, 2013, p. 16)

Dessa forma, a qualidade no âmbito escolar exige de todos os sujeitos do processo educativo certa ampliação da visão política expressa por meio de habilidades inovadoras, fundamentadas na capacidade de aplicar técnicas e tecnologias orientadas pela ética e pela estética. Não é mais possível ignorarmos o conhecimento científico e o uso de novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem diário da escola. Eles constituem-se, cada vez mais, uma condição para que os sujeitos saibam se posicionar frente a processos e inovações que os afetam. Assim, professores, alunos e toda a comunidade escolar necessitam de um ambiente em que a cultura, a arte, a ciência e a tecnologia estejam integradas e façam parte do cotidiano escolar, desde o início da Educação Básica.

Em tempos de uso e de apropriação de ferramentas digitais na educação, o *software* toponímico pode ser transformado em uma ferramenta didático-pedagógica que poderá auxiliar professores na ampliação de conhecimentos escolares no que se refere a elementos urbanos e físicos do estado do Tocantins. A educação está associada ao desenvolvimento das ciências com o intuito de possibilitar descobertas, sobretudo, no âmbito do conhecimento local e regional.

Surge então uma educação para além de suas finalidades já estabelecidas. “O papel do educador no processo curricular é, assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula” (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 19). Não podemos esquecer que o currículo funciona como o coração. É por ele que vivenciamos nossa prática pedagógica, em que atuamos como educadores. Não é à toa que deve estar sempre em mudança, sempre em discussão e reflexão, assim como a sociedade está em constante transformação, o currículo deve ter seu espaço de troca e de diálogo constante. A partir da década de 90, muitas são as discussões em torno do currículo, mais ainda, sobre a

relação currículo e cultura. Por que o foco em questões culturais quando se pensa em currículo? A resposta é simples: a relevância da esfera cultural na organização de nossa vida social nos dias de hoje.

A pluralidade cultural que vivenciamos hoje se manifesta em diversos espaços sociais, dentre eles, a escola. O que gera, quase sempre, encontros, confrontos, conflitos, desentendimentos cada vez mais impactantes, criando desafios diários para os profissionais da educação. É preciso considerar que essa pluralidade pode fomentar enriquecimento e a renovação das possibilidades de atuação pedagógica. Associado ao currículo e à cultura, podemos inserir outro ponto relevante: o conhecimento escolar. Para Moreira e Candau (2007, p. 21), o conhecimento escolar é um dos elementos centrais do currículo, e sua aprendizagem constitui condição indispensável para que os conhecimentos socialmente produzidos possam ser apreendidos, criticados e reconstruídos por todos(as) os(as) estudantes do país. “Daí a importância de selecionarmos, para inclusão no currículo, conhecimentos relevantes e significativos. (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 21)”

Para alcançar os tais “conhecimentos relevantes e significativos”, estamos propondo uma reflexão sobre a questão de que uma educação de qualidade deve possibilitar que o estudante vá além dos referentes presentes em seu mundo cotidiano, assumindo-o e ampliando-o, transformando-se, assim, em um sujeito ativo na mudança de seu contexto. Compreendendo, então, o papel dos estudos de elementos toponímicos na apreensão da cosmovisão de mundo que cerca os sujeitos que vivenciam a escola, surgiu a proposta do estudo em questão, ou seja, um protótipo de *software* pedagógico voltado à compreensão macro dos nomes de lugares. A finalidade é ampliar as possibilidades de apreensão dos conteúdos propostos nos livros didáticos de Geografia e de História da Educação Básica, quando se referem a essa temática.

***Software* toponímico: processo de implementação em andamento**

Apresentamos aqui os passos metodológicos e as linguagens computacionais utilizadas na criação e na implementação do *software* toponímico. Por fim, propomos uma discussão de inserção no campo prático-metodológico de como esse sistema poderá contribuir no processo, mediação e ampliação de conhecimentos acerca de informações de elementos urbanos e físicos tocantinenses, especificamente na Educação Básica.

A proposta de criação de um sistema³² partiu da necessidade, inicialmente, de catalogar as informações registradas nas fichas lexicográfico-toponímicas, resultado do trabalho de coleta e de análise de dados provenientes dos 139 mapas dos municípios do estado do Tocantins. A ficha apresenta aspectos linguísticos, históricos, geográficos e etimológicos, e tem como referência teórico-metodológica Dick (2004) e Andrade (2010; 2013).

Para a proposição de um sistema, o primeiro passo é o levantamento de requisitos, pois é a fase em que se identifica o que o cliente deseja, e o que se espera em relação ao sistema. Um requisito é uma funcionalidade que o sistema deverá executar. Esses requisitos podem ser levantados através de entrevistas, questionários, observação do funcionamento do sistema atual, dentre outros. Para o desenvolvimento do Sistema Mapa Toponímico do Tocantins, com integração da API do Google Maps, foram seguidos os requisitos apresentados pela Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade.

Definidos os objetivos, interesses e requisitos, o sistema deverá ser de fácil usabilidade ao usuário: inclusão, exclusão e edição dos dados cadastrados, busca desses dados, traçados de rotas, exibição de um mapa dos dados cadastrados contendo sua localização geográfica (latitude e longitude), geração de relatórios, inclusão e exclusão de usuários, definição de níveis de acesso dos usuários cadastrados.

A seguir, apresentamos uma visão conceitual das tecnologias e ferramentas utilizadas durante o desenvolvimento do sistema proposto. Espera-se, com isso, demonstrar a importância das tecnologias utilizadas no trabalho, que serviram como requisitos para a construção do sistema. Logo após, apresentaremos alguns diagramas com o propósito de explicitar a modelagem dos requisitos colhidos durante a concepção do projeto e, por fim, alguns exemplos de resultados de implementação do sistema proposto.

a) A linguagem PHP, que significa "*Hypertext Preprocessor PHP*", foi selecionada como linguagem por apresentar-se de forma mais robusta, sendo recomendada no desenvolvimento de pequenas aplicações para *web*. Para manipular o acesso às informações do banco de dados, é necessário um sistema de gerenciamento de bancos de dados (SGBD). O MySQL é o mais popular sistema de gerenciamento neste caso. Ele foi desenvolvido para trabalhar com grandes quantidades de dados de maneira mais rápida do que as soluções existentes. Tendo em vista que o sistema deverá ser de

³² Estamos utilizando o termo 'sistema' e 'software' como sinônimos neste trabalho.

uso pedagógico e disponibilizado nos sites das escolas, diversas vantagens podem ser apontadas no uso dessa ferramenta: a) Open Source: O MySQL é distribuído sob a GPL (*General Public License*) e pode ser utilizado sem custos, conforme os termos e as cláusulas da licença GPL; b) apresenta um excelente desempenho e estabilidade. Além disso, é considerado um sistema de multitarefa e multiusuário, o que garante a velocidade e a eficiência nas aplicações; c) facilidade de implementação e fácil conectividade com o PHP conector; d) suporte gratuito: no site oficial do MySQL é possível obter suporte online e material de referência completo.

b) Outra importante ferramenta utilizada para facilitar a implementação foi o CASE Studio 2³³, ferramenta que serve para administrar e criar banco de dados de vários estilos. Ele permite que se faça um mapa dos bancos de dados e seus vínculos, de uma forma muito intuitiva. Foi utilizado também o Navicat³⁴ para MySQL, que é uma ferramenta para a administração e desenvolvimento de servidores de banco de dados MySQL.

c) Já o WampServer³⁵ é um ambiente para o Sistema Operacional Windows, voltado para programadores e/ou pessoas que precisam testar aplicações *web*, suportando o servidor *web* livre Apache, PHP e banco de dados MySQL. O ScriptCase³⁶ é uma plataforma de desenvolvimento de aplicações PHP. O programa cria formulários, consultas e outras aplicações para manipulação de dados em bancos de dados.

d) A UML³⁷, do inglês *Unified Modeling Language*, pode ser traduzida como Linguagem Unificada de Modelagem. Esta é uma linguagem padrão para modelagem orientada a objetos, considerada uma boa ferramenta para a modelagem dos requisitos colhidos. Tem como papel auxiliar a visualização do desenho e a comunicação entre objetos.

A seguir, uma breve explicação do funcionamento da API Google Maps v3. Essa ferramenta foi utilizada para identificar no sistema onde estão localizados os topônimos registrados. API é o acrônimo de *Application Programming Interface* ou, em português, Interface de Programação de Aplicativos. Essa interface é o conjunto de padrões de programação que permite a construção de aplicativos e a sua utilização de maneira não tão evidente para os usuários. Utilizada no desenvolvimento do sistema, API Google

³³Para mais informações: <http://www.casestudio.com/>. Acesso em janeiro de 2014.

³⁴Para mais informações: <http://www.navicat.com/>. Acesso em janeiro de 2014.

³⁵Para mais informações: <http://www.wampserver.com/>. Acesso em janeiro de 2014.

³⁶ Para mais informações: <http://www.scriptcase.com.br/>. Acesso em janeiro de 2014.

³⁷ Para mais informações: <http://www.uml.org/>. Acesso em janeiro de 2014.

Maps³⁸ possibilita ao usuário dar uma volta virtual pelo mundo, desfrutando de fotos aéreas de qualidade em algumas zonas, bem como, ter acesso ao mapeamento vetorial completo de outras.

A Figura seguinte mostra o diagrama de casos de uso do Sistema: Mapa Toponímico do Tocantins com integração da API do Google Maps, que conta com 20 casos de uso.

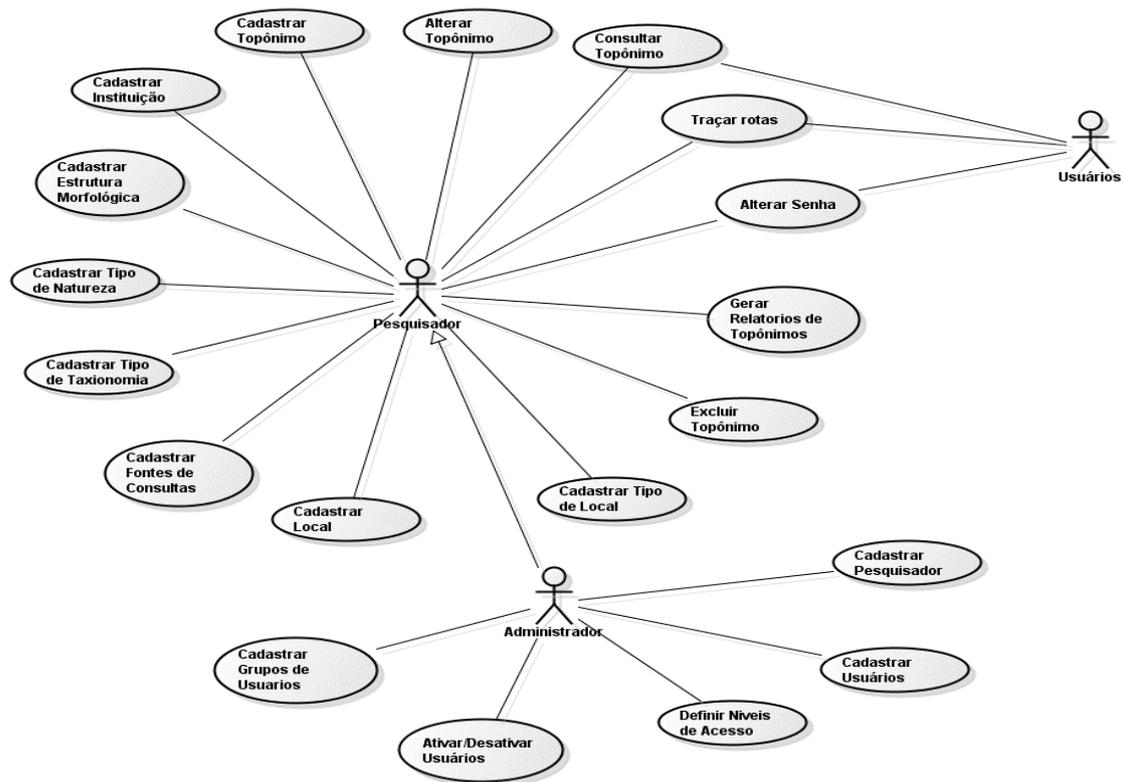


Figura 1- Diagrama de casos de uso do Sistema: Mapa Toponímico do Tocantins com integração da API do Google Maps

³⁸ Para mais informações: <https://developers.google.com/maps/documentation/>. Acesso em janeiro de 2014.

A seguir, o diagrama de classes para cadastro dos topônimos do projeto proposto.

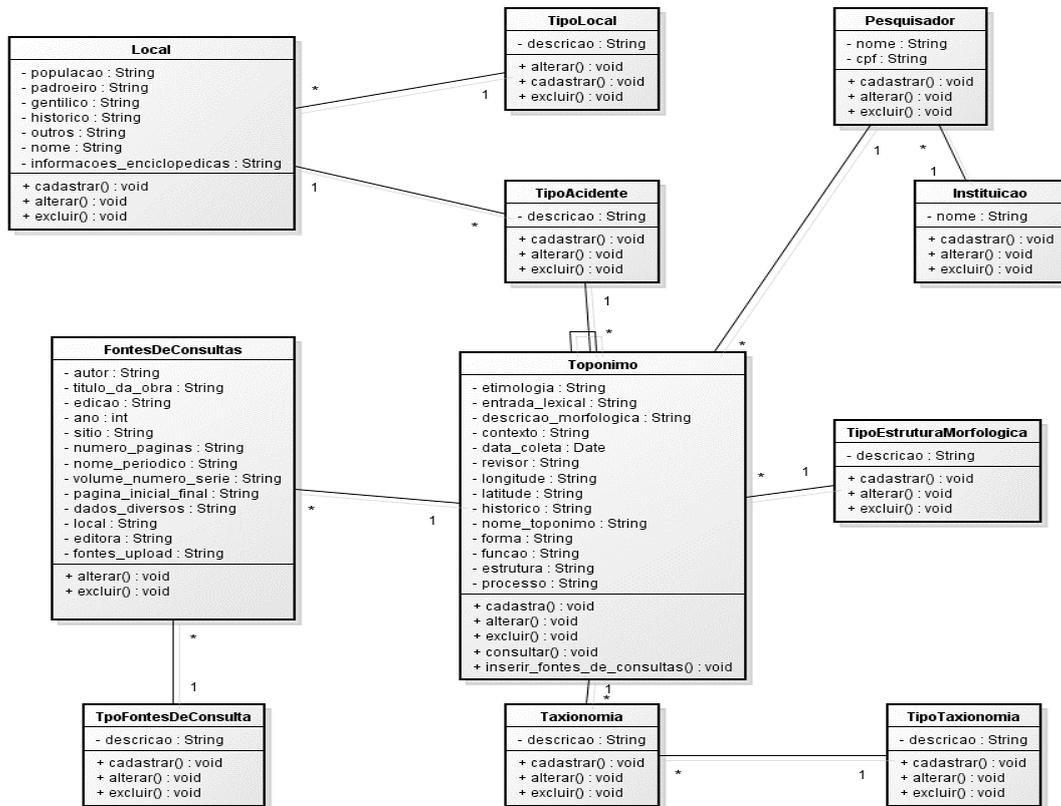


Figura 2 - Diagrama de classes para cadastro dos topônimos

Após o levantamento dos diagramas, foi feita a descrição dos requisitos funcionais de cada caso de uso. Dessa forma, essas informações ajudarão no desenvolvimento do sistema para saber quais métodos devem ser realizados pelo sistema e quais passos serão seguidos para realizar uma determinada funcionalidade, sobretudo, quando pensamos no âmbito da Educação Básica. À título de ilustração, serão apresentadas algumas especificações dos casos de uso para o Sistema com integração da API do Google Maps.

- a) Ações do administrador
- Cadastrar Usuários
 - Cadastrar Pesquisador
 - Liberar Usuários
 - Cadastrar Grupos de Usuários
 - Definir Níveis de Acesso

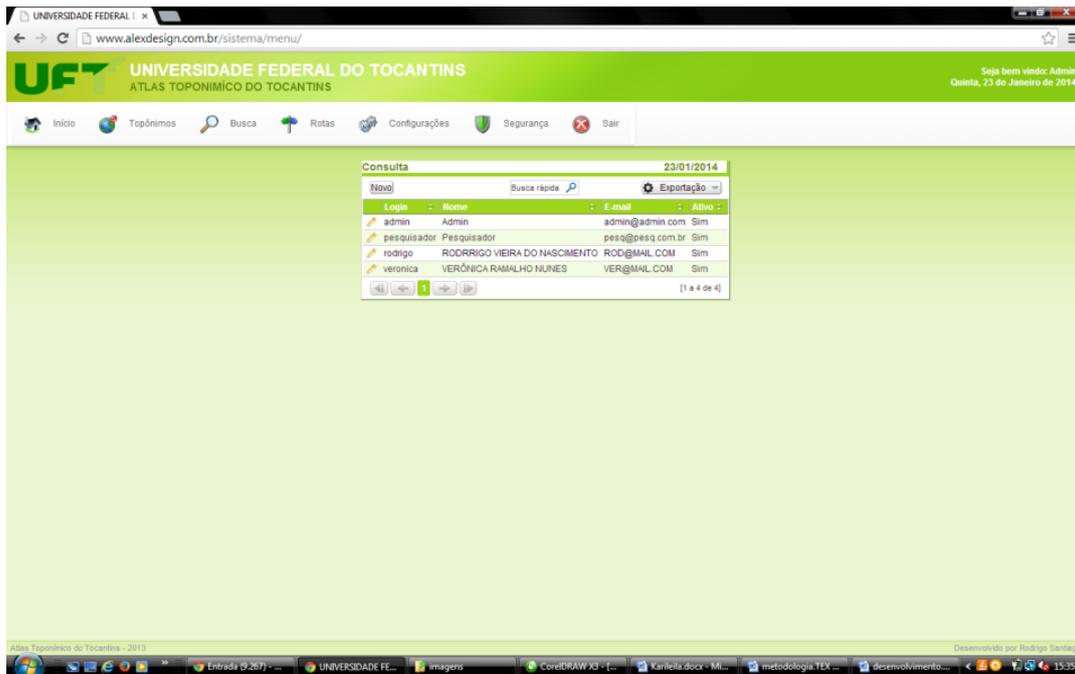


Figura 3 - Ações do administrador

- Alterar Topônimo
- Consultar Topônimo
- Excluir Topônimo
- Gerar Relatórios de Topônimos

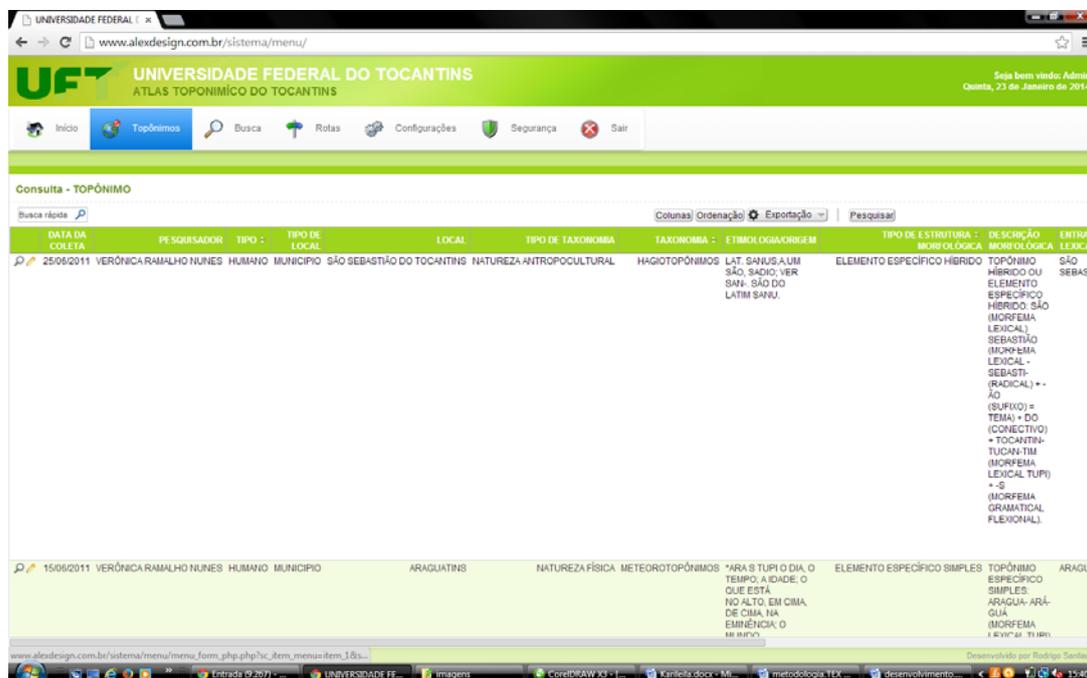


Figura 4 - Informações toponímicas

Caminhos ainda a trilhar

Nossa intenção com este estudo não é alterar ou mudar os objetivos de ensino dos conteúdos de História e de Geografia da Educação Básica quando fazemos referência ao currículo escolar. As finalidades de ensino deverão ser mantidas, embora possam ser incrementadas ou reavaliadas sob outros olhares e perspectivas o estudo, por exemplo, dos nomes de lugares. Retomando a proposta inicial, o objetivo principal deste artigo foi apresentar, discutir e refletir de que forma diversas informações de cunho sócio-históricas, geográficas, antropológicas, ideológicas e etimológicas (origem) a respeito de elementos urbanos e físicos do estado do Tocantins podem fomentar e ampliar, do ponto de vista do currículo, o leque de conhecimentos escolares de determinados conteúdos de Geografia e de História do ensino fundamental. Como o *software* se encontra em fase de implementação, ainda não temos respostas claras e exatas de como será desenvolvido e aplicado na prática. Nossa intenção é que, durante as etapas de trabalho, possamos estreitar o diálogo com professores e alunos da Educação Básica a fim de avaliar as potencialidades do *software* como uma ferramenta educacional que possa contribuir para o conhecimento escolar.

Referências bibliográficas

- ALVAREZ Miguel Angel e CHAURE Javier. **Desenvolvimento como api de google maps**. In: criarweb.com. Disponível no site <http://www.criarweb.com/desenvolvimento-google-maps/>. Acesso em 15 de Novembro 2013.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos; RIBEIRO, Eduardo. Implementação de software toponímico com perspectivas de atuação no ensino. In: GONÇALVES, A. V.; SILVA, W. R.; GÓIS, M. L. de S. **Visibilizar a Linguística Aplicada: pela independência plena**. (livro no prelo).
- _____. Criação de um *software* com foco na inovação pedagógica: primeiros resultados do Atlas Toponímico do Tocantins. *Acta Semiótica et Linguistic*. V 18, ano 37, n. 2, julho a dezembro de 2013. 226-237p.
- _____. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins**: Atito. Goiânia: Ed. da PUC de Goiás, 2010.
- DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. **As ciências do léxico**, v. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p.121-130.
- BEZERRA Eduardo. **Princípios de análise e projeto de sistema com UML**. Rio de Janeiro: CAMPUS: Elsevier, 2002. 286p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério

da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. **PCN + Ensino Médio:** Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, ano V, nº 10, 2003. 113-123p.

_____. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano IV, nº 7. jul./dez. 1999. 67-78p.

KORTH H. F.; SILBERSCHATZ A. **Sistemas de bancos de dados**. 2ed revisada. São Paulo: Makron Books, 1994.

MAIA, Adriano Corrêa; ALVES, Flamarion Dutra. Categorias e epistemologia: Reflexões teórico-metodológicas na ciência geográfica. Anais **V Encontro de Grupo de Pesquisa em Educação e Território**. UFMS, Santa Maria, 25 a 27 de novembro de 2009. 1-20p.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Currículo, conhecimento e cultura**. In: Indagações sobre currículo. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 48 p.

PHP. **A linguagem PHP**. Disponível no site <http://www.php.net/>. Acesso em 10 de Dezembro de 2013.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. Corrigida e aumentada. São Paulo: Ed. Nacional, 1987.

SANT'ANNA, Aurélio; CARSTENS, Frederico R. S. B.; FLEITH, Rossano Lúcio. **O que é urbanismo**. São Paulo: Brasiliense, 2008. 68p.

SAVIANI, D. **A Filosofia da educação e o problema da inovação em educação**. In: GARCIA, W. E. Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas. São Paulo, Cortez Editora, 1995.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova**, nº 93, 15 de julho de 2001. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-93.htm>.